



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Sylvia Pessoa de Almeida

"Meu corpo, minhas regras": uma análise do discurso feminista na internet.

Rio de Janeiro

2014

Sylvia Pessoa de Almeida

"Meu corpo, minhas regras": uma análise do discurso feminista na internet.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2014

A447m Almeida, Sylvia Pessoa

"Meu corpo, minhas regras": uma análise do discurso feminista na internet/Sylvia Pessoa de Almeida. – 2014.

44 f : il.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Jose Barbosa de Oliveira.

1. Análise do discurso. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Enunciado. 5. Feminismo. I. Oliveira, Antonio Jose Barbosa de. II. Título.

CDD: 401.41

Sylvia Pessoa de Almeida

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof.: Antonio José Barbosa Oliveira (Orientador)
Doutor em Memória Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof: Robson Santos Costa
Mestre em Memória Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profª: Vânia Lisboa da Silveira Guedes
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedicatória

Esse trabalho é dedicado à Hercília Gomes Pessoa de Almeida, minha mãe e à Sofia Pessoa Alves Collet Ferreira, minha filha. As duas mulheres mais importantes da minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, por tudo que fizeram por mim para que eu chegasse até aqui e pela liberdade de escolha que sempre me deram. Especialmente a minha mãe que esteve do meu lado sempre, sempre e sempre, em tudo que eu precisei e nos últimos três anos e 8 meses foi uma extensão de mim para minha filha. Que mais que uma mãe incrível, foi sempre uma amiga fiel. Sem você eu não teria conseguido.

Aos meus irmãos, Letícia, Thays e Thyago pela força, parceria e amor. Aos queridos Santiago e João, afilhado e enteado, por serem crianças lindas, que tem paciência comigo quando eu não tenho com eles. Vocês são lindos. Aos meus sogr@s, Anna e Jardel e cunhad@s Bernardo e Olívia, pela dedicação e amor que dirigem à minha filha e por estarem sempre disponíveis quando preciso.

Agradeço à equipe da Biblioteca do Serviço Geológico do Brasil – CPRM por me acolherem tão bem desde o início e por transmitirem seus conhecimentos sempre de forma muito generosa. À minha colega de estagio e irmã de luta, Jessica, pelas conversas, pela companhia, pela amizade inesperada. É muito bom ter você por perto.

À UFRJ, por ser uma instituição maravilhosa, por me permitir ter contato com outras pessoas, outras culturas, outras vivências, o que faz dela meu lugar favorito no mundo. Aos professores do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, que se dedicam a transmitir seus conhecimentos com desprendimento.

Ao meu orientador, Antonio, que sempre foi uma inspiração, que me aturou na indisciplina, que foi condescendente e não titubeou quando eu quis mudar de tema, que acreditou em mim e me deu todo o suporte necessário para eu desenvolver essa monografia. Você faz a diferença nessa universidade e eu quero ser igual a você quando crescer.

À turma 2009, minha turma natal, pessoas lindas que pude ver amadurecer e caminharam junto comigo em metade da minha trajetória acadêmica, especialmente meu amigo Thulio que sempre foi um companheiro fiel. Vou te levar sempre no meu coração.

À turma 2010, especialmente à Palestina, um grupo de pessoas que se ajuda e se apoia, que briga entre si, claro, mas que se defende sempre. Obrigada por me acolherem desde o início. Especialmente @s companheir@s de grupo, Ale, Amanda, Dudu, Monique e Tati. Pelas trocas, pelas brigas, pela compreensão, pela paciência. Vocês são demais.

Às minhas lindas dedicadas, Tati e Monique. Minhas companheiras de orientador, de tema, de escapadas, de desentendimentos, mas principalmente de generosidade e cumplicidade. Um presente lindo que a UFRJ me deu e quero leva-las sempre comigo. Vocês fizeram a diferença, amo vocês.

Agradeço @s amig@s da vida, tod@s @s que já tive, e @s que ainda tenho. Pela parceria, pelas risadas, pelos porres, pelos esporros, pelos conselhos. Vocês tiveram muita importância nesse processo. Não vou listar nomes porque tenho dislexia e posso esquecer alguém, mas agradeço especialmente à Cassandra, minha amiga imaginária, pelas revisões, consultas gramaticais e literárias e, claro, a amizade linda e sincrônica que temos. À Clarissa, minha comadre por sempre se dispor a cuidar da minha filha quando precisei varar a noite e perder finais de semana de sol pra fazer algum trabalho. À Camila, minha primeira amiga, minha comadre, minha desde sempre, por ter paciência com minha ausência e entender que a distancia é só um detalhe. Vocês são muito especiais na minha vida. Obrigada por existirem.

À minha filha linda, que chegou no meio desse caminho, quando tudo já tava virado, depois de esgotar o tempo regulamentar e me permite sentir o maior amor do mundo. Por ser a menina que dança dentro dos meus olhos. Por colorir meus caminhos, me permitir ser sua mãe e aprender junto com você todos os dias. Obrigada por fazer tudo isso valer à pena, meu raio de sol.

Por fim, e especialmente, agradeço meu companheiro, Heitor. Pela cumplicidade, companheirismo, por ser meu namorando, amante e amigo. Por ficar sempre do meu lado, por me aturar no desespero dos finais de período, por revisar meus trabalhos. Agradeço por seus puxões de orelha, por me mandar sair do facebook, mas principalmente por me dar um amor desses de cinema, por me fazer acreditar que eu posso conquistar tudo o que eu quiser, que impossível é uma palavra que não existe e, claro, por me dar uma filha linda de viver. Amo você, do fundo da alma até a superfície.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram pra minha formação, muito obrigada.

Discurso

*Se aquilo que o espírito sentir
O olho não declarar
E, se por consequência ou displicência,
O corpo não traduzir,
Ácida ou plácida,
Gritada ou tatuada,
Em estado terminal ou grávida,
A morfologia de qualquer palavra
Virá muda e pálida.
E virá só para confundir.*

Heitor Collet

RESUMO

ALMEIDA, Sylvia Pessoa de. "**Meu corpo, minhas regras**": uma análise do discurso feminista na internet. 2014. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

As mulheres, em diversos momentos da história ocidental, lutaram contra sua condição de opressão, ainda que de forma isolada. O feminismo surgiu como um movimento organizado por volta dos séculos XVIII e XIX, inicialmente com a intenção de conquista de direitos políticos e de oportunidade de trabalho. Com o decorrer da história e do desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação as ideias feministas puderam ser transmitidas a um numero maior de pessoas. Através do discurso e utilizando-se de redes de memória e identidade, o feminismo busca cooptar cada vez mais adeptos. A web e, especialmente, as redes sociais contribuem sobremaneira pra expansão do feminismo, pela capacidade de atingir um grande público. A pesquisa objetiva a resposta de como se dá essas relações entre ideologia e identidade nas publicações feministas da web. Assim como busca evidenciar a relação dialógica e responsiva entre os enunciados imagéticos publicizados e, dessa forma, estabelecer a relação entre memória e identidade nesse contexto. A metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos foi qualitativa, alinhado aos conceitos de ideologia, discurso e linguagem trabalhados por Mikhail Bakhtin, evocando as relações de memória e identidade vistas com Michael Pollak, entre outros. A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa exploratória, e a partir dessa coleta foi realizada a análise do discurso à luz dos conceitos apresentados. A análise e os resultados obtidos evidenciaram as relações dialógicas, responsivas e de transmissão de discurso que resultam das ferramentas oferecidas pelo mundo virtual. Percebeu-se também que a evocação da memória social é necessária para criar o processo identitário com o feminismo no receptor do enunciado. Por fim, conclui-se que o discurso feminista na web pretende alcançar, além de direitos políticos, a internalização de que as mulheres possuem força e autonomia para provocar a mudança social necessária a fim de romper com a ideologia dominante machista.

Palavras-chave: Análise do discurso. Memória. Identidade. Enunciado. Feminismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Protesto contra o Estatuto do Nascituro.

Figura 2 – Meu corpo minhas regras.

Figura 3 – Feminismo e sororidade.

Figura 4 – Não permita que te silenciem.

Figura 5 – Seu corpo te pertence.

Figura 6 – Meu respeito, meu direito.

Figura 7 – Chega de fiu-fiu I.

Figura 8 – Chega de fiu-fiu II.

Figura 9 – Bebedouro de Skol.

Figura 10 – Homens no comando.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	14
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3.1	Feminismo	15
3.2	Identidade e Memória	18
3.3	Memória, cultura e linguagem	20
3.3.1	<i>O habitus</i>	22
3.3.2	<i>Signo, diálogo e ideologia</i>	24
3.3.3	<i>Discurso e enunciado</i>	27
4	ANÁLISES E RESULTADOS	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42

REFERENCIAS

1 INTRODUÇÃO

O Feminismo é um movimento social que luta pela equidade de direitos entre homens e mulheres. Surgiu entre os séculos XVIII e XIX e vem ganhando bastante força nas últimas décadas.

Deve-se considerar que, a partir de sua luta, as mulheres conquistaram diversos avanços como o direito ao voto, o acesso à educação, saúde e previdência social, a invenção da pílula anticoncepcional, a lei Maria da Penha¹, dentre outros.

Com o advento das redes sociais, a luta feminista pode usufruir de outras ferramentas de combate. Com o acesso às novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), sua luta pode ser intensificada de forma mais democrática e popular. Tal movimentação busca não só a conquista de novos direitos, como também a mudança da ideologia dominante – que tem sua base no machismo e no patriarcado, a conquista da autonomia feminina e a liberdade da expressão de gênero.

Para tanto, o movimento feminista se vale da internet e das redes sociais para criar nas pessoas um sentimento de identidade e pertencimento com a causa, pois, como será visto mais adiante, a identidade é algo que pode ser construído e reconstruído de acordo com as escolhas do indivíduo. (POLLAK, 1997)

Através da construção da memória social e da identidade, a linguagem utilizada pelas redes sociais permite que a ideologia seja transmitida de forma pontual e acessível. Como afirma Bakhtin (2003 p. 283): "A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua."

A presente pesquisa justifica-se, portanto, no sentido de considerar a importância do estudo da memória social enquanto forma de interpretação das sociedades. Assim como busca atentar para a importância das relações entre memória, identidade e conteúdos informacionais nos trabalhos do profissional bibliotecário. Saber compreender

¹ A lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) "cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal." (BRASIL, 2006)

enunciados e interpretar discursos é fundamental para o melhor exercício da profissão, uma vez que estes enunciados e discursos se relacionam com as diferentes esferas da comunicação.

Esse projeto tem por objetivo geral a realização de uma análise do discurso feminista na web. Dentre seus objetivos específicos, busca evidenciar a relação dialógica e responsiva entre os enunciados imagéticos publicizados e, dessa forma, estabelecer a relação entre memória e identidade nesse contexto.

Para alcançar tais objetivos, o trabalho promoverá análises a partir dos conceitos de cultura, identidade, memória, discurso/enunciados e feminismo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa baseada na análise de discurso, pois, entre outros fatores, busca “uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2002 apud CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680).

Teve como objeto de estudo algumas publicações imagéticas tomadas para a análise em páginas do facebook, blogs, twitter e em sites com a temática feminista. Foram coletadas para a análise dez imagens que melhor se encaixaram no contexto abordado. Após a coleta dos dados, foi realizada a interpretação do material por meio de conceitos de "enunciado", "dialogismo", "ideologia e responsividade", à luz do pensamento de Mikhail Bakhtin (1997; 2009), e, também, foram aplicados os conceitos de "memória", "identidade" e "cultura" tratados por Michael Pollak e Denis Cuche (1992; 2002).

Assim como a linguagem é transmissora do discurso, o enunciado é a unidade fundamental dele, logo, pode-se presumir que mudanças na ideologia influenciam todo o processo linguístico. Conforme será visto no referencial teórico, o discurso e o enunciado trazem em si a carga ideológica do transmissor e buscam, através dos recursos linguísticos e da memória, produzir o sentimento de identidade e provocar no receptor atitudes responsivas e dialógicas. (BAKHTIN, 1997, 2009; POLLAK, 1992).

Apesar de toda esta esquematização de pesquisa, é preciso ter consciência de que toda técnica de coleta de dados tem sua limitação. Essas limitações são desvantagens que podem ser superadas ou não (MARCONI; LAKATOS, 2003). Ademais, o processo de interpretação das imagens pode ser encarado com um processo pessoal, mesmo que baseado nos argumentos levantados e isto não exime a autora de cuidados necessários aos julgamentos enviesados por sua ideologia.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica da presente pesquisa abarcará questões sobre "memória e identidade" e "cultura e linguagem", tendo em vista suas manifestações nos discursos feministas publicados na internet. Como estudo de análise, tomará publicações imagéticas em páginas autointituladas feministas na rede social Facebook, em blogs e em sites com essa temática. A fim de contextualizarmos sobre o objeto de estudo da pesquisa, iremos abarcar também o conceito de Feminismo.

3.1 Feminismo

No ano de 625 a.C, na Grécia Antiga (mais especificamente na Ilha de Lesbos), liderada pela filósofa Safo, consta registro de uma movimentação feminista que criou um centro de formação intelectual da mulher. No ano de 195 a.C, em Roma, constam registros de reivindicações de mulheres pelo direito de usarem os transportes coletivos. Data de 1405 o que se considera hoje o primeiro tratado feminista, feito pela primeira poetisa da corte francesa, Christine de Pisan, e intitulado “A cidade das mulheres”. Neste tratado, afirma-se a igualdade entre homens e mulheres, reivindicando os mesmos direitos de educação e condenando a dupla moral² que acometia a vida das mulheres. (TÁBOAS, 2011). Observa-se, portanto, que mulheres se rebelando contra sua condição de opressão não é algo tão recente na história ocidental.

Tal movimentação é chamada pela teoria feminista de pré-feminismo. Contudo, o Feminismo só ganha forma como um movimento organizado entre os séculos XIX e XX. Este movimento é chamado de *primeira onda do feminismo* e se manifestou em vários momentos da Era Moderna. Porém, podemos afirmar hoje que foi na Pós-Modernidade que ele se fortaleceu, trazendo a *segunda e terceira ondas do movimento feminista*.

A primeira onda, que caracteriza o nascimento do feminismo de fato, nasceu como um “movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens.” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Foi a partir de uma reivindicação política – o direito ao voto, com o

² “Dupla moral é o termo utilizado para designar a coexistência simultânea de duas morais opostas dentro do mesmo indivíduo ou da mesma instituição. Neste caso, a dupla moral refere-se ao tratamento desigual conferido aos homens e mulheres.” (TÁBOAS, 2011)

Movimento Sufragista³ – que o feminismo se fez presente na Europa e nos Estados Unidos. O feminismo possuía também outros intuitos como a luta contra a discriminação feminina e a denúncia da “opressão à mulher imposta pelo patriarcado” (Ibdem, 2006). No Brasil, o movimento se fez presente no fim do século XVIII e início do século XIX, quando as brasileiras começaram a se organizar e conquistar o direito à educação e ao trabalho.

Em 1907, eclode em São Paulo a greve das costureiras, ponto inicial para o movimento por uma jornada de trabalho de 8 horas. Somente em 1917, o serviço público passa a admitir mulheres no quadro de funcionários. Dois anos depois, a Conferência do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho aprova a resolução de salário igual para trabalho igual. (PORTAL BRASIL, 2013)

Em 1932, as brasileiras conquistam legalmente o direito ao voto com o Código Eleitoral, porém, com uma série de restrições para seu exercício. Foi só com a Constituição de 1946 que o direito pleno ao voto foi concedido. Em 1934, a Assembleia Constituinte assegurava o princípio de igualdade entre os sexos, o direito ao voto, a regulamentação do trabalho feminino e a equiparação salarial entre os gêneros. (PORTAL BRASIL, 2013)

Com a ditadura do Estado Novo, em 1937, o movimento feminista perde força. Só no fim da década seguinte volta a ganhar intensidade com a criação da Federação das Mulheres do Brasil e a consolidação da presença feminina nos movimentos políticos. Mas, com a ditadura militar impetrada em 1964, as ações do movimento esfriam e só retornam na década de 70, principalmente como forma de combate a essa ditadura. (PORTAL BRASIL, 2013)

As décadas de 1960 e 1970 trazem consigo a chamada “segunda onda” do movimento feminista, ocorrida especialmente nos EUA e na França. As feministas americanas ressaltavam a denúncia da opressão masculina e buscavam a igualdade entre os gêneros, o que foi chamado de “feminismo da igualdade”. Já as feministas francesas não negavam a existência de diferenças entre os sexos, afirmando que, no entanto, tais diferenças não deveriam significar discriminação nem a anulação da experiência feminina. Este movimento foi denominado como “feminismo da diferença”.

³ Assim denominado o movimento das mulheres pelo direito ao voto, iniciado nos EUA, em 1848.

Para Scott (2005), a questão da igualdade e da diferença deve ser concebida em termos de paradoxo, ou seja, em termos de uma proposição que não pode ser resolvida, mas apenas negociada, pois é verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Fraisse (1995) entende que à questão filosófico-epistemológica da igualdade-diferença sobrepõe-se a questão política, sugerindo que diferentes subjetividades, masculinas e femininas, mesmo não sendo idênticas, podem ser iguais, no sentido de serem equivalentes. Introduce-se, assim, a noção de equidade e paridade no debate igualdade-diferença dentro dos movimentos feministas. (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649)

Foi nessa época também que o movimento feminista voltou a ganhar força no Brasil, devido a sua repercussão na Europa e nos EUA como forma de luta contra a ditadura militar. Paralelamente, as ditaduras militares que ocorriam em outros países da América Latina também influenciavam o movimento por aqui. A partir desses contextos, o ano de 1975 foi declarado pela ONU como o *Ano Internacional da Mulher*.

Nos anos 1980, com o início da Era Pós-Moderna e a partir dos pensamentos pós-estruturalistas que predominava na França, que tinham como representantes os filósofos Michel Foucault e Jacques Derrida, passa-se a "ênfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo." (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Cabe a ressalva de que é esta ideia que permeará também a presente pesquisa sobre análise do discurso feminista atual na web, como poderá ser visto adiante. Tal pensamento fez eclodir a *terceira onda do feminismo*, por volta dos anos de 1990, que se caracteriza pela "análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade." (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649).

É nessa conjuntura que surge no Brasil a publicação *Estudos Feministas*, que tem como foco principal o estudo *das e pelas* mulheres e como desafio "o pensamento sobre igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina." (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 649). Nessa fase do movimento, foi possível observar o cruzamento entre o movimento político das ativistas feministas e a academia, surgindo em algumas universidades brasileiras estudos de gênero e feminismos.

É preciso, contudo, entender que as três fases do movimento não ocorreram exatamente de forma linear ao longo da história. Em diversas épocas, características das três ondas coexistiram – e ainda coexistem na atualidade. Portanto, o recorte histórico é feito com a intenção de melhor contextualizar o movimento.

Desta forma, pode-se demonstrar a conceituação do feminismo como sendo “uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes” (FRAISSE, 1995; JONES, 1994; LOURO, 1999; SCOTT, 1986 apud NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 648). Entretanto, cabe ressaltar que existem no feminismo várias vertentes (feminismo radical, feminismo liberal, transfeminismo, feminismo negro, feminismo interseccional etc) e ele se manifesta em variadas formas, não cabendo à pesquisa definir um "conceito padrão" de feminismo.

3.2 Memória e Identidade

A memória é comumente vista como um fenômeno particular e íntimo, próprio da pessoa. No entanto, lembrando o pensamento de Maurice Halbwachs, Pollak nos diz que a memória também deve ser entendida como uma construção "coletiva e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes." (POLLAK, 1992, p.201). Diz ele que a memória é seletiva e que, como não é possível registrar tudo, ela seleciona o que é mais significativo ou oportuno de ser preservado. Assim como também afirma que, em parte, a memória é herdada no contexto familiar e social onde ela esta inserida.

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p.204)

Esse sentido expresso por Pollak se refere mais a uma ideia de "memória nacional", em que datas importantes são disputadas a fim de melhor serem preservadas na lembrança do povo. No Brasil, um bom exemplo disso é a data de aniversário do Golpe Militar de 1964, que aconteceu no dia 1º de Abril. A fim de evitar escárnios posteriores, já que a data é também conhecida como o "dia da mentira", transferiu-se a data de aniversário para 31 de Março. Pode-se observar com isso que:

Esse último elemento da memória – a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (POLLAK, 1992, p.204)

De acordo com o que afirma o autor, a memória também tem grande contribuição na construção da identidade, tendo em vista que é constituída social e individualmente. Quando se trata de memória herdada, pode-se dizer que há uma relação muito próxima ao sentimento de identidade.

Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.204)

É sob esse aspecto que a pesquisa baseará o entrecruzamento do discurso feminista com o que concerne à busca da memória do patriarcado ou, em outras palavras, da luta feminista com o discurso machista perpetuado ao longo dos tempos.

Como a evocação desses discursos busca atingir as pessoas a fim de provocar nelas o sentimento de identidade com o feminismo e, como consequência, a diferenciação com o machismo e o patriarcado? Conforme afirma Pollak:

[...] Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (1992, p. 204)

Se a memória é um elemento da identidade social e ela é formada através da imagem "de si, para si e para os outros", essa mesma é, em parte, formada por forças alheias à vontade do indivíduo, ou do grupo, que é o Outro. Todos constroem sua identidade em referência aos outros,

[...] em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 204)

A existência da luta interna entre *memória individual* e *memória dos outros* evidencia que “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992, p. 205).

No que se refere à identidade, Cuche (2002) aponta que esta pode ser entendida como um processo de construção histórica e, em certa medida, mais como uma posição estratégica do que como uma posição estanque. Afinal, a identidade é um meio para a pessoa chegar a um objetivo específico, onde ela avalia a situação exposta e utiliza os recursos identitários que possui. Bauman (2012, p.13) parece apontar para a mesma linha de pensamento ao afirmar que “a identidade deve ser considerada um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar sua própria história”.

Percebe-se assim que a identidade geralmente é bastante volátil e, portanto, frágil, exigindo um exercício constante onde precisa ser defendida e protegida. Caso contrário se perde e, uma vez perdida, dificilmente será possível sua reconstrução, menos ainda em seu formato de origem.

As "identidades" flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir-se, *chez soi*, "em casa", em qualquer lugar- mas o preço a ser pago é aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Poderá ser visto mais adiante, com a análise das imagens e dos textos selecionados, como o discurso feminista se vale do fortalecimento da figura feminina como forma de promover a identidade destas com o movimento.

3.3 Memória, cultura e linguagem

Em seu livro *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Dennis Cuche diz que os seres humanos são essencialmente "seres de cultura". A cultura permite não apenas a adaptação aos meios, mas, também, a adaptação do meio as nossas necessidades. "Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza".

Se todas as pessoas possuem a mesma carga genética, elas se diferenciam por suas escolhas culturais. Nada é puramente natural no ser humano. Mesmo as funções humanas que correspondem a necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual etc, são informados pela cultura. (CUCHE, 2002, p. 11).

Segundo a concepção do antropólogo Roque de Barros Laraia,

O homem [sic] é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é o herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2009, p. 45)

O autor acrescenta ainda que “a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.” (LARAIA, 2009, p. 49).

Ademais, nem mesmo nossas especificidades biológicas podem ser analisadas sem que se considerem os fatores culturais envolvidos, pois a cultura tem influência direta em nossos comportamentos. Tendo em vista que “tudo que o homem (sic) faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura.” (LARAIA, 2009, p. 51).

Cuche fala também da importância de fazer, antes de tudo, "uma análise polemológica⁴ das culturas", uma vez que estas revelam conflitos que se desenvolvem na tensão e muitas vezes na violência, porém, ao mesmo tempo, afirma que devemos ter cuidado para não reduzir os sujeitos.

[...] como a [redução] que supõe que o mais forte está sempre em condições de impor pura e simplesmente sua ordem (cultural) ao mais fraco. Na medida em que a cultura real só existe se produzida por indivíduos ou grupos que ocupam posições desiguais no campo social, econômico e político, as culturas dos diferentes grupos se encontram em maior ou menor posição de força (ou de fraqueza) em relação às outras. Mas mesmo o mais fraco não se encontra jamais totalmente desarmado no jogo cultural. (CUCHE, 2002, p. 145)

Traremos à discussão o que Cuche apresenta ao falar em "cultura dominante" e "cultura dominada". Nesta discussão, ele ressalta que as relações são estruturadas de forma hierárquica e evoca o que Karl Marx e Max Weber afirmaram: "que a cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante". (CUCHE, 2002, p. 145).

Isso pode ser visto no discurso machista quando, por exemplo, este evidencia a objetificação e hipersexualização feminina em campanhas publicitárias de cerveja, ou,

⁴ Polemologia é estudo da guerra como fenômeno social autônomo; análise de suas formas, causas, efeitos etc. (GARCIA, 2011)

ainda, quando somente mulheres são retradas em comerciais de produtos de limpeza. (Figura 9 e 10, p. 40).

Cabe nesse contexto, portanto, o que Adorno e Horkheimer afirmaram:

[...] mais do que vender produtos, a publicidade visa difundir e legitimar o estilo de vida e as visões de mundo do grupo dominante, prescrevendo em seus anúncios normas de comportamento e padrões de conduta própria das classes hegemônicas. (1985, apud CAMPOS; CAMPOS, 2012, p. 213)

Voltando a Marx e Weber, Cuche assinala que ao se falar em cultura dominante e cultura dominada, na verdade estamos destacando a existência de "grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros." (CUCHE, 2002, p. 145).

Esse fator social-ideológico é também ressaltado por Marina Yaguello, na introdução de "Marxismo e filosofia da linguagem" de Mikhail Bakhtin. Nesta obra, Yaguello (2009, p. 14) aponta que o autor "valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais."

Entretanto, cabe salientar que a cultura dominada não seria necessariamente uma "cultura alienada" mas, sim, uma cultura que em sua evolução não poderia desprezar a cultura dominante, mesmo que busque resistir à dominação. Tal afirmativa aponta para o que compreendemos ser o caso do movimento feminista. (Figura 1, p.33)

3.3.2 *O habitus*

Traremos também para a discussão o conceito de *habitus* trabalhado por Pierre Bourdieu, que diz que

[os habitus] são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los [...]. (BOURDIEU, 1980a, p. 88 apud CUCHE, 2002, p. 171)

Observando este conceito, compreendemos que nós possuímos essas "disposições" através de modos de vida particulares e condicionamentos próprios. No entanto, é o *habitus* que diferencia uma classe ou grupo social dos outros que não corroboram com

suas características e condições sociais. Os estilos de vida usufruídos por um grupo social determinado são, segundo Cuche (2002, p. 171-172), "a expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência."

De acordo com o pensamento de Bourdieu (1980a, p. 88 apud CUCHE, 2002, p. 172), "o *habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores". Dessa forma, ele continua existindo no íntimo da pessoa, pois o mesmo é tão interiorizado, que o indivíduo não percebe sua manifestação. Sendo assim, ele faz com que os indivíduos de determinados grupos atuem de forma semelhante diante da mesma situação, sem que precisem ao menos se comunicar para tal. Desta feita, é o *habitus* que orienta os indivíduos em seu espaço social e permite assim que adotem "práticas que estão de acordo com sua vinculação social" (CUCHE, 2002, p. 172).

Ele torna possível para o indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras que são guiadas por esquemas inconscientes, 'esquemas de percepção, de pensamento e de ação' que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e de "experiências primitivas" que a ele estão ligadas e que têm um 'peso desmesurado' em relação às experiências posteriores. (Ibidem, p. 172).

Devemos levantar também a questão de que o *habitus* está incorporado na memória coletiva. Seriam as tais "disposições duráveis", que caracterizam o *habitus* também às disposições corporais, chamada por Bourdieu de "hexis corporal". Em relação ao corpo, é o que provoca em cada grupo social um estilo particular, porém, mais do que um estilo próprio, é uma moral social incorporada nos sujeitos. (Ver Figura 10)

Cada pessoa, por seus gestos e suas posturas, revela o *habitus* profundo que o habita, sem se dar conta e sem que os outros tenham necessariamente consciência disso. Pela hexis corporal, as características sociais são de certa forma "naturalizadas": o que parece e o que é vivido como "natural" depende, na realidade de um *habitus*. Esta "naturalização" do social é um dos mecanismos que garantem mais eficazmente a perenidade do *habitus*. (Ibidem, p. 173).

A partir do momento em que o *habitus* se torna homogêneo em um grupo ou classe social, homogeneizando assim os gostos, este torna também compreensível e previsível as preferências e práticas que são consideradas evidentes dentro do grupo. E essas práticas "evidentes" só se justificam pela interiorização do *habitus*.

Tal homogeneização não anula a diversidade dos estilos pessoais, porém, de acordo com Bourdieu, as variantes individuais devem ser percebidas como "variantes estruturais", pois elas evidenciam a trajetória do indivíduo dentro desse contexto social.

A noção de "trajetória social" permite que Bourdieu escape de uma concepção fixista do habitus. Para ele, o habitus não é um sistema rígido de disposições que determinariam de maneira mecânica as representações e as ações dos indivíduos e que garantiria a reprodução social pura e simples. As condições sociais do momento não explicam totalmente o habitus, que é suscetível de modificações. (Ibdem, p. 174).

Ainda assim, o *habitus* é passível de modificações que devem ser levadas em consideração na hora de analisá-lo, principalmente quando ocorre mobilidade social e desde que esta tenha ocorrido em outras gerações e tenha sido também interiorizada.

3.3.2 *Signo, diálogo e ideologia*

Volochínov e Medviédiev, integrantes do Círculo do linguista Mikhail Bakhtin⁵, buscaram ao longo dos seus trabalhos contribuir para "a construção de uma teoria marxista da criação ideológica" (FARACO, 2009, p. 45). Para os integrantes do Círculo a palavra ideologia significava o universo dos produtos feitos pelo "espírito" humano, chamados por alguns de "cultura imaterial" ou "produção espiritual", enfim, tudo que unia a arte, como a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política.

Para o Círculo, não havia possibilidade de existir nenhum enunciado não-ideológico, pois o mesmo compreendia que todo enunciado era um produto ideológico "em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa." (Ibdem, 2009, p. 47)

Bakhtin afirma que tudo que é ideológico tem um significado. Logo, todo produto ideológico é um signo e, sendo assim, a criação ideológica se sustenta na semiótica (estudo dos signos): "Sem signos não existe ideologia. [...] O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico." (Ibdem, 2009, p. 30)

⁵ O Círculo de Bakhtin era formado por um pequeno grupo de intelectuais e artistas entre eles Marc Chagall e o musicólogo Sollertinsky, amigo íntimo de Chostakovitch. Também fazia parte deste círculo um jovem professor do Conservatório de Música de Vitebsk, V. N. Volochínov, e ainda P. N. Medviédiev, empregado de uma casa editora. Os dois tornaram-se alunos, amigos devotados e ardorosos admiradores de Bakhtin. (YAGUELLO, 2009, p. 12)

Também para o Círculo, os signos são essencialmente sociais, ou seja, estão por dentro das complexas relações que caracterizam o intercâmbio social. São também resultado do processo de formação cultural da sociedade e, para compreendê-los, é necessário compreender onde esses signos estão inseridos.

Outro ponto importante da discussão levantada por Medviédiev é a importância do signo para interpretação da realidade, uma vez que

[...] nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência – com nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem semioticamente mediadas. [...] O real nunca nos é dado de forma direta, crua, em si. (FARACO, 2009, p. 49)

A materialidade do signo se faz através da língua e da palavra, pois esta "[...] encontra o objeto a que ela se refere já recobertos de qualificações, envolto por uma atmosfera social de discursos [...] nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas." (FARACO, 2009, p. 49-50).

Nessa medida, o signo é responsável não somente por refletir o mundo, mas, também, por refratá-lo. Essa refração é chamada por Bakhtin de vozes sociais, que são "complexos semiótico-axiológicos⁶ com os quais determinado grupo humano diz o mundo." (Ibdem, 2009, p. 49-50). As vozes sociais seriam, portanto, a língua.

No que se refere à linguagem, Bakhtin diz que esta não deve ser vista como um amontoado de categorias gramaticais abstratas, mas, sim, como uma "realidade axiologicamente saturada", como um acontecimento estratificado. E não somente um "estratificado" estabelecido visivelmente através de variedades geográficas, temporais e locais. Segundo ele, ao se encontrarem, essas vozes sociais dialogam e essa dialogização compõe uma dinâmica importante: "elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante." (Ibdem, 2009, p. 58).

⁶ Axiologia: Filosofia dos valores, particularmente dos valores morais.

O Círculo diz ainda que as vozes sociais estão emaranhadas numa cadeia de responsividade, ou seja, ao mesmo tempo em que respondem provocam respostas, como será visto mais adiante.

Os autores ressaltam que mais importante que o diálogo são as forças sociais e as significações que os enunciados trazem consigo. É o que eles chamam de "relações dialógicas" ou "dialogismo". Esse dialogismo não é evidente somente nos discursos, mas também na significação do enunciado, a partir da interação verbal (FARACO, 2009). Sendo assim, todo enunciado colocado na mesma posição, ou seja, com o mesmo sentido, estabelece relação dialógica: "mesmo enunciados separados um do outro no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas." (FARACO, 2009, p. 65).

Segundo Bakhtin, as relações dialógicas se estabelecem no interior dos enunciados. Entretanto, para que isso ocorra é preciso que o diálogo tenha entrado na esfera do discurso e se tornado um enunciado que "tenha fixado a posição de um sujeito social. Só assim é possível responder [...], fazer réplicas ao dito, confrontar posições, dar acolhida fervorosa a palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la." (Ibidem, 2009, p. 66). Em outras palavras: é necessário estabelecer relações de sentido com a palavra do outro, relações estas que provocam respostas a partir do encontro de posições avaliativas.

Desta feita, as relações dialógicas são relações entre índices sociais de valor e são parte inseparáveis do enunciado, compreendido não somente como parte da língua, mas como a "a unidade da interação social; não como um complexo de relações entre as palavras, mas como um complexo de relações entre as pessoas socialmente organizadas." (Ibidem, 2009, p. 66).

Pode-se compreender que o diálogo, no sentido amplo do termo, é um grande espaço de luta entre as vozes sociais e nele emergem também os jogos de poder. Para o Círculo, trata-se de espaços de tensão entre os enunciados, que não somente coexistem, mas se tencionam no dialogismo. O processo de identificação também surge nessas relações dialógicas, uma vez que a aceitação de um diálogo corresponde à recusa de outros que não dialogam. (Ibidem, 2009).

Para Bakhtin, a vida humana é naturalmente dialógica:

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente no decorrer de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal. (BAKHTIN, 1963, p. 293 apud FARACO, 2009, p. 76).

Dessa forma, a não-existência caracteriza-se pelo fato da pessoa não ser mais ouvida, reconhecida e nem lembrada. Pois, conforme o autor, "ser significa se comunicar, significa ser um para um outro e, pelo outro, ser para si mesmo [...] eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim." (BAKHTIN, 1963, p. 287 apud FARACO, 2009, p. 76).

A importância do receptor do enunciado se faz na medida em que ele constitui parte fundamental do discurso, que é carregado de outras vozes sociais. Conforme ilustra Bakhtin, nós utilizamos as palavras que pegamos dos lábios dos outros e não do dicionário. Dessa forma, os enunciados surgem a partir do contato com o outro constituindo "uma multidão de vozes interiorizadas", formando o que Bakhtin chama de "discurso citado". Essa multidão de vozes normalmente não é percebida dessa maneira, pois estão incorporadas nos sujeitos discursivos e são, na visão do autor, "as palavras que perderam as aspas". (FARACO, 2009, p. 85).

A palavra tem grande força no estudo de Bakhtin (2009, p. 42), pois esta é considerada "um fenômeno ideológico por excelência". A palavra é a força motriz da interação social e carrega consigo suas mudanças. É pela palavra que se percebe a mudança nos discursos, falas estas que estão carregadas de ideologias e que são perpassadas de uma para outra através dos tempos. Como afirma Bakhtin, "cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica" (2009, p. 44).

3.3.3 *Discurso e enunciado*

De acordo com a teoria desenvolvida por Mikhail Bakhtin, os gêneros de discurso são determinados socio-historicamente e indissociáveis do processo de comunicação dos

seres humanos, resultando em formas-padrão "relativamente estáveis" de um enunciado. (SIGNOR, 2008).

Temos um vasto repertório de gêneros discursivos e estes são utilizados na fala e na escrita de formas tão naturalizadas que muitas vezes não os percebemos. Mesmo um discurso informal é moldado pelo gênero em uso. Esses gêneros, afirma Bakhtin, "nos são dados da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos os estudos da gramática." (1997, p. 279)

Essa língua materna permeia toda a atividade humana e varia tanto quanto ela. É utilizada através dos enunciados (orais e escritos) concretos e únicos que decorrem em todos os campos da atividade humana. Conforme diz Bakhtin:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Bakhtin atenta também para a utilização da separação entre estilo e gênero e para a elaboração de uma série de problemas históricos, uma vez que as mudanças históricas dos estilos da língua estão relacionadas com as mudanças que são feitas nos gêneros do discurso.

A língua escrita corresponde ao conjunto dinâmico e complexo constituído pelos estilos da língua, cujo peso respectivo e a correlação, dentro do sistema da língua escrita, se encontram num estado de contínua mudança. É a um sistema ainda mais complexo, e que obedece a outros princípios, que pertence a língua literária, cujos componentes incluem também os estilos da língua não escrita. Para deslindar a complexa dinâmica histórica desses sistemas, para passar da simples (e em geral superficial) descrição dos estilos que se sucedem, e chegar à explicação histórica dessas mudanças, é indispensável colocar o problema específico dos gêneros do discurso (e não só dos gêneros secundários mas também dos gêneros primários) que, de uma forma imediata, sensível e ágil, refletem a menor mudança na vida social. (BAKHTIN, 1997, p. 282-83).

Nesse contexto de mudanças históricas está presente a questão da ideologia, na medida em que "a comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia,

utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc." (YAGUELLO, 2009, p. 282-83).

Bakhtin considera que o enunciado é a unidade real do discurso. Por enunciado, entende que se trata de uma fala, que pode ser uma palavra ou frase dotada de intenção. A "intenção" do enunciado é convencer o outro, buscando provocar neste um retorno, uma resposta. Bakhtin chama esse movimento de *atitude responsiva*. Aqui, compreendemos *atitude responsiva* como a ação de compreensão de um discurso de modo a elaborar uma resposta, mesmo que esta resposta não esteja explicitada numa fala imediata.

A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela *compreensão responsiva ativa* e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. (BAKHTIN, 1997, p. 290, grifo do autor).

No entanto, um ato de resposta não é necessariamente seguido de um discurso, pois tanto o entendimento como a resposta podem ser demonstrados por ações. Por exemplo, no caso uma ordem recebida, a resposta pode ser simplesmente a execução desta, podendo transcorrer um tempo até a execução da ação de fato. Este movimento é o que Bakhtin chama de *compreensão responsiva de ação retardada*.

Pode ocorrer também a compreensão muda de um discurso que resulta numa mudança de comportamento em quem ouve, denominada por Bakhtin de *compreensão responsiva muda*. Nesse caso, em algum momento, o que foi ouvido e compreendido de forma ativa reverberará no discurso ou na conduta seguinte do ouvinte. Os gêneros secundários buscam esse tipo de compreensão responsiva, ate mesmo pela sua característica complexa e, em suas devidas proporções, vale tanto para o discurso lido ou para o escrito. (BAKHTIN, 1997, p. 290). Essa atitude também é a esperada quando se trata de discursos publicados na web, pois, mesmo que esses abram também espaço para uma resposta imediata, a intenção por trás desses enunciados é provocar uma mudança de comportamento no receptor do discurso.

Como o autor afirma, as possibilidades de respostas a um discurso são tão vastas quanto à variedade de gêneros discursivos. A intenção em tornar o texto compreensível é somente um dos elementos da intenção discursiva de modo geral. No ato discursivo, o próprio locutor já está produzindo uma resposta a outros discursos nos quais "seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles,

polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte.” (BAKHTIN, 1997, p. 291).

A fala de uma pessoa só existe de fato através de seus enunciados e seu discurso é moldado para isso, pertencendo ao sujeito falante e não existindo fora desse contexto.

Quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, *fronteiras* claramente delimitadas. E neste problema das fronteiras, cujo princípio é essencial, que convém deter-se com vagar. As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade da comunicação verbal, são determinadas pela *alternância dos sujeitos falantes*, ou seja, pela alternância dos locutores. (BAKHTIN, 1997, p. 293-94).

De acordo com o autor, todo enunciado, desde uma palavra até o romance ou texto científico, abarca um "começo absoluto e um fim absoluto": antes de seu início existe o enunciado dos outros e, depois que acaba, existe os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja uma compreensão responsiva ativa ou muda).

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “*dixi*” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou. (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Bakhtin aponta três fatores intimamente ligados ao enunciado como um todo: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intento, o *querer-dizer* do locutor; e 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (BAKHTIN, 1997, p. 299).

O primeiro fator diz respeito à forma como o objeto será abordado pelo autor de acordo com o objetivo a ser alcançado, ou seja, a resposta que se espera obter. Este está relacionado com o segundo fator, que "o que se quer dizer". Essa intenção intrínseca no enunciado vai definir também a forma como este será apresentado

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. Percebemos o que o locutor *quer* dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse *querer-dizer* (como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado. Esse intuito determina a escolha, enquanto tal, do objeto, com suas fronteiras (nas circunstâncias precisas da comunicação verbal e necessariamente em relação aos enunciados anteriores) e o tratamento exaustivo do objeto do sentido que lhe é próprio. (BAKHTIN, 1997, p. 300, grifo do autor).

Esse conceito do *querer-dizer* alinha-se com a ideia de identidade apresentada anteriormente no que se refere ao objetivo a ser atingido com a fala. Neste objetivo, espera-se cooptar com o discurso e promover o sentimento de identidade com o interlocutor. Isso se dá porque a fala apresenta identidade e é através do discurso que o locutor sinaliza onde reside sua ideologia.

O terceiro fator determinante são as formas estáveis do gênero do enunciado. Quando o locutor escolhe o gênero do discurso já o faz a partir do que se quer dizer. Essa escolha é feita de acordo com a especificidade do canal de comunicação utilizado, a temática necessária, dos receptores do discurso etc. Adiante, a intenção do discurso adapta-se e se ajusta a esse gênero escolhido, sendo composto e desenvolvido nesse formato sem que o autor abdique de sua individualidade, já que, como dito, todo discurso carrega uma ideologia. (BAKHTIN, 1997, p. 300).

Bakhtin (1997, p. 314) diz que a experiência verbal particular do ser humano toma forma e amadurece de acordo com a sua relação com o outro, na forma de interação sucessiva e constante com os enunciados alheios. Usada de forma criativa, essa experiência pode ser definida como sendo um processo de *assimilação* do discurso do outro e não necessariamente das palavras da língua.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. A expressividade da palavra isolada não é pois propriedade da própria palavra, enquanto unidade da língua, e não decorre diretamente de sua significação. Ela se prende quer à expressividade padrão de um gênero, quer à expressividade individual do outro que converte a palavra numa espécie de representante do enunciado do outro em seu todo—um todo por ser instância determinada de um juízo de valor. (BAKHTIN, 1997, p. 300).

A partir de então, pode-se analisar o processo de significação do discurso, tendo em vista que os agentes que compõem um enunciado são "a entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico, o relacionamento com uma situação social determinada [...]". (YAGUELLO, 2009, p. 15). Assim sendo, pode-se interpretar o enunciado tendo em vista a continuidade do processo de comunicação como um elemento do diálogo, incluindo as produções escritas. Sabendo que "o *corpus* transforma as enunciações em monólogos", ou seja, que

o texto é uma fala individual do autor (ainda que suscite a responsividade), chegamos à conclusão de que é o enunciado é quem produz um diálogo com o interlocutor.

Isso se dá porque a enunciação é de natureza social e representa uma reprodução do diálogo social. Ela não existe fora dessa conjuntura, pois tem em vista que o locutor busca uma "plateia". Da mesma maneira como foi estipulado na 1ª das cinco leis de Ranganatan para a Biblioteconomia que "os livros são escritos para serem lidos", todo enunciado busca um interlocutor, mesmo que somente em potencial.

"O signo e a situação social estão indissolavelmente ligados." Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a "ideologia do cotidiano", que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. (YAGUELLO, 2009, p. 16)

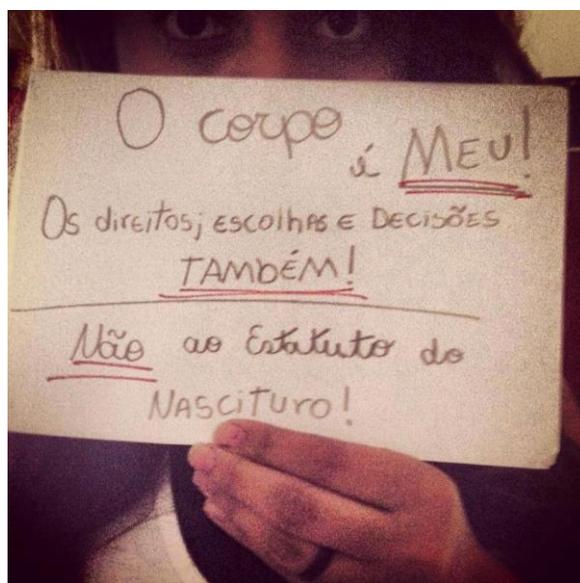
O processo de formação da linguagem está ligado a atividade mental e o pensamento, e este último é determinado pela ideologia. Para Bakhtin, a palavra está atrelada à ideologia, pois ela "é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula." (YAGUELLO, 2009, p. 16). Logo, compreendemos que a palavra serve como indício de mudança.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Tendo em vista que o enunciado é a unidade central do discurso e todo discurso traz consigo sua ideologia, podemos analisar os enunciados com vistas à análise das forças sociais por ele provocadas, suas dimensões de valor (axiologias) e a dialogicidade presente nesses contextos. Esses fatores evidenciam as relações de memória e identidade presente nos discursos e, conseqüentemente, sua ideologia.

Assim, as imagens a seguir foram analisadas de acordo com os conceitos apresentados.

Figura 1 - Protesto contra o estatuto do Nascituro⁷



Fonte: Facebook Moça você é machista, 2013

A figura 1 representa um protesto realizado na página do Facebook "Moça, você é machista" onde as pessoas, em sua maioria mulheres, revoltaram-se contra um projeto de lei que impunha a proibição do aborto mesmo em caso de estupro a fim de garantir a proteção integral do nascituro fruto deste ato. O projeto assegurava também uma ajuda de custo do governo à gestante e a inserção do nome do estuprador na certidão de nascimento da criança. Além disso, pleiteava a proibição do uso de embriões das pesquisas com células-tronco. Em 2013, devido à repercussão deste projeto de lei,

⁷ O Estatuto do Nascituro é um projeto de lei brasileiro de 2005 que visa garantir proteção integral ao nascituro. Foi proposto pelos deputados Osmânio Pereira e Elimar Máximo Damasceno. O projeto também pode proibir a pesquisa com células tronco embrionárias no país. O projeto foi arquivado em 31 de janeiro de 2007. No entanto, está tramitando outro projeto de lei semelhante de 2007. Tais projetos de lei têm sido alvo de muitas discussões e críticas, principalmente por resultar na proibição do aborto, em qualquer situação, pois considera que a vida humana surge desde a concepção. (WIKIPEDIA, 2014; BRASIL, 2007)

manifestações contrárias a ele ganharam força tanto nas "manifestações de Junho", como nas redes sociais e em páginas feministas.

Lê-se no cartaz: "*O corpo é MEU! Os direitos, as escolhas e decisões TAMBÉM! Não ao Estatuto do Nascituro*". Nesta fala, onde a mulher busca autonomia sobre o próprio corpo, recorre-se à questão da responsividade no sentido de que o discurso presente já é uma resposta ao discurso impresso pelo "Estatuto do Nascituro". Esta fala também se refere à questão da relação entre "cultura dominante" e "cultura dominada" (CUCHE, 2002), configurando um ato de resistência à dominação imposta pela ideologia machista que, diga-se de passagem, torna a possibilidade de subordinar muito mais eficiente quando tratada em forma de Lei.

Quando a mulher se revolta contra sua posição de subordinada, afirmando que "O corpo é MEU!" de forma taxativa, com o uso de letras em caixa alta, exclamações, sublinhados etc, ela se vale de signos linguísticos para assumir uma posição de confronto, emergindo nesse confronto a luta de classes. Conforme afirma Bakhtin, "O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes". (2009, p. 47)

Figura 2 – Meu corpo, minhas regras



Fonte Internet, 2013

No discurso feminista, a questão do direito ao próprio corpo é pauta recorrente dos manifestos, como podemos ver na Figura 2: a imagem de uma mulher nua da cintura pra

cima com a frase "MEU COrPO, MINHAS REGrAS" escrita em suas costas. Tal imagem pressupõe uma compreensão responsiva ativa, pois se trata de uma publicação numa rede social em que o público receptor possui meios de resposta dinâmicos – as opções "curtir", "comentar", "compartilhar" – e, também, a compreensão responsiva muda, onde a resposta se dá numa mudança de comportamento do receptor (BAKHIN, 1997).

Vê-se nesta imagem um exemplo de compreensão responsiva ativa pois, em nossa análise, algumas pessoas respondem diretamente à imagem impressa pela emissora do discurso com intuito de criticar sua postura, logo, criticar o "discurso feminista". Pode-se observar também nessa resposta direta o conflito entre as ideologias feministas e machistas e, mais, a relação dialética que se dá nos enunciados. Enquanto a mulher clama pela emancipação do corpo feminino, a pessoa que a responde (no caso, um homem) busca através do discurso incisivo, e até falacioso, convencer a emissora (e outras pessoas) de suas ideias, ideias estas que correspondem a ideologia da cultura dominante.

Outra questão que vem à tona na imagem é a questão "identitária". O ato de resposta revela a busca por se distinguir (ou não) do discurso que o enunciado imagético produz. Tendo em vista as funcionalidades ressaltadas da rede social Facebook, pode-se considerar que o ato de "curtir" as postagens representa uma identificação positiva com o conteúdo postado. No entanto, os comentários não indicam necessariamente a mesma intenção, uma vez que a pessoa pode se identificar de forma negativa e se colocar contra o material publicado, revelando isso no seu comentário, como podemos ver na figura acima.

Quando a mulher retratada na imagem escreve em seu corpo um *slogan* feminista, ela automaticamente está se identificando com a causa, assim como o autor do comentário mostra-se abertamente contra ao afirmar que "sinceramente, odeio algumas feministas". Ou seja, o que o autor busca com tal comentário é evidenciar a dessemelhança (não-identidade) em relação ao feminismo. Logo, no atual contexto, cabe a afirmação de Cuche (2002) que diz que toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação.

A identidade como vimos é flexível, ela pode ser adaptada de acordo com o que mais convém a pessoa, principalmente quando essa flexibilização é encarada como um

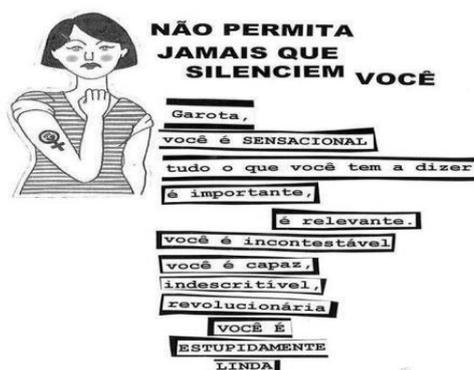
processo de reinvenção histórica do sujeito. (BAUMAN, 2005). Pode-se dizer que o feminismo se vale dessa flexibilidade identitária na medida em que, por meio do discurso, busca promover entre as mulheres essa identificação quanto à causa e, ao mesmo tempo, uma diferenciação em relação ao machismo.

Figura 3 – Feminismo e Sororidade



Fonte: Facebook Feminismo Subversivo, 2013

Figura 4 - Não permita que te silenciem



Fonte: Facebook Feminismo sem demagogia, 2013

Podemos trazer à discussão o pensamento de Bakhtin (2009), tratado anteriormente no que se refere ao processo de assimilação dos discursos alheios e o processo de significação dos discursos. Nas figuras 3 e 4, podemos ver o uso da "entonação expressiva, a modalidade apreciativa" (BAKHTIN, 2009, p. 18) na utilização de

afirmações assertivas a fim de com elas provocar nas mulheres um sentimento de identidade através do discurso.

Na figura 3, especificamente, podemos ver a utilização de palavras que buscam promover na mulher a sensação de que, no feminismo, ela pode ser ouvida e tem sua autonomia respeitada. Por exemplo, a palavra que dá o título à tirinha, "sororidade". significa

um pacto de fraternidade entre as mulheres que se reconhecem irmãs". É aliar-se, partilhar e principalmente mudar (e mudar-se) a sua própria realidade como mulher se libertando das diferentes opressões a que somos sujeitas. Nada mais é, que uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo." (GORI, Marcia, 2013)

A união entre enunciado textual e imagético na figura 4 – uma mulher com uma tatuagem que representa a luta feminista – tem um alvo específico, pois, como Bakhtin assegura, todo enunciado busca um interlocutor a fim de transmitir para ele (no caso ela) sua ideologia e o sentimento de identidade. Em seguida, pode ser visto que é através da linguagem e da recuperação de uma memória social que a luta feminista se fortalece na web. A seguir veremos como os conceitos de discurso e ideologia são indissociáveis da linguagem.

Figura 5 – Seu corpo te pertence



Fonte: Facebook Moça, você é machista, 2013

Figura 6- Meu respeito, meu direito



Fonte: Facebook Uma outra opinião, 2013

Como foi apontado no referencial teórico da pesquisa, a memória social é um instrumento de perpetuação de ideologia que se utiliza da linguagem e, por consequência, do discurso. Possivelmente, a maioria das pessoas, principalmente mulheres, conhece expressões como “a mulher deve se dar ao respeito” ou “mulher precisa se dar ao respeito pra ser respeitada”, entre outras semelhantes. Essa questão da imagem de “respeito” que a mulher deve passar é amplamente debatida nas publicações feministas na internet como está exemplificado nas figuras 5 e 6.

O enunciado das imagens revela a questão da luta entre a memória individual e a memória dos outros, tratada por Pollak (1992). É na afirmação de que o corpo e o respeito por este pertence ao indivíduo que o conflito entre a memória individual e a coletiva fica evidente. Ambas as figuras também produzem uma atitude responsiva ao tipo de discurso considerado machista, uma vez que idealiza a mulher e retira dela sua autonomia. Podem-se analisar as imagens como uma ação responsiva ativa e ação responsiva muda, pois ao mesmo tempo em que é uma resposta em si, busca através do discurso promover uma mudança de comportamento e mentalidade do receptor.

Portanto, pode-se dizer que as duas figuras dialogam com a memória social do machismo e pretendem romper com a cultura dominante em busca de autonomia nas suas escolhas. Na figura 5, pode ser ressaltada também a objetividade do discurso como visto em Bakhtin, uma vez que promove o dialogismo entre o enunciado e o interlocutor. Outro assunto que também iremos ver nas próximas imagens.

Figura 7 - Chega de fu-fiu I



Fonte: Site Think Olga. 2013

Figura 8 - Chega de fu-fiu I



Fonte: Site Think Olga. 2013

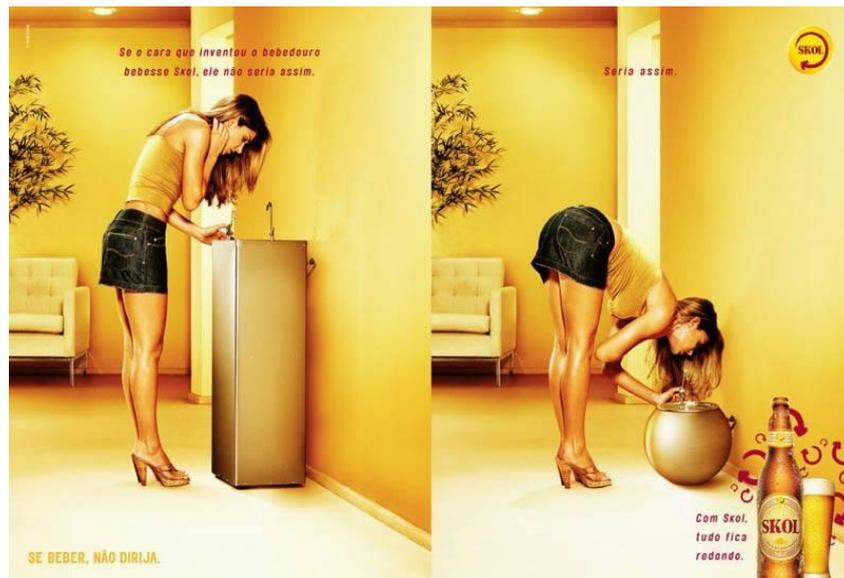
Em 2013, a jornalista Karin Huek realizou uma pesquisa *online* com 7.762 mulheres e revelou que 83% das entrevistadas não gostam de receber as famosas “cantadas” dos homens nos espaços públicos. A partir dessa pesquisa, foi promovida na internet a campanha “Chega de fii-fiu”. Esta tinha o intuito de combater essa prática e ganhou bastante repercussão nas redes sociais. As figuras 7 e 8 ilustraram parte da campanha.

Pode-se afirmar que o feminismo pretende alcançar uma mudança de mentalidade e comportamento da sociedade, ou seja, uma mudança de ideologia, e, como vimos, tal mudança reflete-se no discurso. Quando a campanha afirma que “caminhar num espaço público não torna meu corpo público”, ela provavelmente quer dizer (BAKHTIN, 1997) que o corpo feminino não deveria ser visto como algo que possa ser abordado, tocado, violado, invadido. Ele é privado e deve ser encarado e respeitado como tal.

Quando, na imagem 8, o enunciado afirma que “você acha que gritar ‘ô gostosa’ na rua é elogio, sua mãe não”, este tem como alvo a pessoa que pratica o ato da “cantada” com o intuito de provocar nela o sentimento de identidade, evidenciando o incômodo causado com tal atitude. Ao se colocar no lugar do outro, no caso, outra, espera-se a *compreensão responsiva muda* que resulta em mudança de atitude.

Por fim, analisaremos o conceito de *habitus*. Este conceito engloba praticamente todos os conceitos elaborados na pesquisa, uma vez que a internalização da cultura e da memória coletiva nos sujeitos podem passar despercebida (CUCHE, 2002). Um bom exemplo de internalização da memória e da cultura dominante machista é a propaganda. Como vimos com Adorno e Horkheimer, ela difunde e legitima o estilo de vida e visão de mundo de determinada cultura.

Figura 9 – Bebedouro de Skol



Fonte: Facebook Moça, você é machista, 2013

Na imagem acima podemos perceber o *habitus* na objetificação do corpo feminino. Nela podemos observar que a função tanto do bebedouro quanto da mulher é, basicamente, satisfazer aos desejos sexuais masculinos. Ele se evidencia no padrão estético da modelo, no ato realizado por ela, na sua vestimenta e no enunciado textual da imagem.

Figura 10 – Homens no comando



Fonte: Internet, 2012

Na figura 10, podemos ver o exemplo do *habitus* se manifestando em vários níveis: na postura de comando e no protagonismo dos homens na cena. Nela, os homens aparecem em primeiro plano da imagem. Ainda podemos observar o caráter de subordinação das duas figuras femininas em segundo plano (assim como a representação estética destas, que se encontra dentro do padrão de beleza hegemônico-dominante) e a ideia de que o

homem que consome tal produto é um líder ou um comandante. Essas condições se manifestam nos corpos, nas posturas, nos gestos etc.

A memória que a imagem evoca também pode ser ressaltada, pois remete a uma instituição extremamente masculinizada: a das forças armadas. O *habitus* conforme visto está carregado de uma memória coletiva que se evidencia no corpo da pessoa de forma internalizada e que seria o que Cuche (2002) denomina como "uma moral social incorporada nos sujeitos". Os gestos e a postura evidenciam o *habitus* da pessoa ou do grupo e estas incorporações são naturalizadas a tal ponto que fazem com aquele se torne eficaz e passe incólume pela maioria das pessoas.

Contudo, o *habitus* pode ser modificado desde que passe de geração em geração e se internalize. Como se pode perceber na pesquisa, é a internalização e a identificação dos diferentes *habitus* perpetuados pela cultura machista dominante que o feminismo busca corromper, mesmo que de forma inconsciente, com seu discurso nas redes sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou o discurso feminista nas redes sociais, analisando as imagens publicadas nas páginas e sites com essa temática, observados os possíveis processos identitários e redes de memória que ocorreram nessas publicações. A partir das análises e resultados, pudemos perceber que o movimento feminista se vale constantemente de recursos de memória para provocar nas pessoas processos identitários e, conseqüentemente, uma diferenciação com a cultura machista.

O fortalecimento da figura feminina através do discurso é um método recorrente do movimento que busca tornar as mulheres independentes e livres para fazerem suas escolhas. Para tanto, é necessário uma quebra com a cultura dominante e o reforço constante da identidade, tendo em vista que a dominação está consolidada nas mídias, nas políticas, nas relações sociais e em outros campos do viver.

Além de direitos políticos, o movimento feminista busca internalizar nas mulheres essa força e autonomia através do discurso que visa provocar a mudança social necessária. Pode-se constatar na pesquisa a hipótese de que a web e, especialmente, as redes sociais, são potentes catalisadoras das ideias do feminismo. A partir delas, o feminismo se expande e ganha cada vez mais adeptos e, naturalmente, mais críticos.

Além da questão da memória e identidade, a pesquisa propiciou o contato com os conceitos bakhtinianos de alteridade, dialogismo, responsividade e gêneros discursivos. Tal contato permitiu observar a materialização desses conceitos nas publicações da web. Por parte da pesquisadora, a maior dificuldade encontrada no trabalho foi manter-se imparcial no que se refere ao feminismo. Se tal dificuldade foi superada, acredita-se que foi na medida em que a mesma não buscou realizar um novo manifesto feminista, tampouco panfletar, mas, sim, analisar o discurso realizado pelos diferentes movimentos feministas no espaço virtual.

Acima de tudo, foi possível, através da pesquisa e do desenvolvimento do trabalho, fortalecer os conceitos de "análise do discurso", "memória" e "identidade", conceitos que certamente serão aplicados ao longo da tão esperada trajetória profissional e acadêmica.

REFERENCIAS

- AS LEIS DE RANGANATHAN.** [S.l.; s.n.], [20-?]. Disponível em: <http://sdi.letras.up.pt/uploads/sabia_que/Ranganathan.pdf> Acesso em 23 abr. 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **A estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. 230 p.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2007). **Projeto de Lei nº s/n, de 2007.** Projeto de Lei. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=443584>. Acesso em: 23 abr. 2014.
- BRASIL. Constituição (2006). Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha.** Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 16 maio 2014.
- CAMPOS, Debora Mendes; CAMPOS, Fernando de. Homens sujeitos, mulheres objetos: o papel da publicidade na reprodução da ideologia de gênero. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da Unesp/ Marília**, Marília, n. 9, p.210-227, maio 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/levs/article/viewFile/2287/1884>>. Acesso em: 22 abr. 2014.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa:** análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006. p. 679-684.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: _____. **Linguagem e diálogo:** ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. Cap. 2, p. 45-97. Coleção Linguagem.
- GARCIA, Francisco Proença. **Sobre Polemologia.** 2011. Disponível em: <<http://polemologia.blogspot.com.br/2011/02/o-que-e-polemologia.html>>. Acesso em: 28 maio. 2014
- GORI, Marcia. **Sororidade:** o que é isso?. 2013. Disponível em <<http://www.marciagori.net/2013/07/sororidade-o-que-e-isso.html>>. Acesso em 12 maio. 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.a., 2003. 312 p. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india>. Acesso em: 03 maio 2014.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p.647-654, set./ dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL BRASIL. Secretaria de Cidadania e Justiça. **Movimento feminista**. 2013. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/feminismo-pela-igualdade-dos-direitos>>. Acesso em: 16 maio 2014.

SIGNOR, R. C. F. Os gêneros do discurso. **Revista Gatilho**, v.7. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2008.

TÁBOAS, Ísis Dantas Menezes Zornoff. “Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir meu sexo?”: a afirmação histórica dos direitos das mulheres. **O Direito Alternativo**, [S.l.], v. 1, n. 1, p.258-280, ago. 2011.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ABEPRO, 2006. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR540368_8017.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. **Estatuto no Nascituro** [S.l.], 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_do_Nascituro>. Acesso em: 23 abr. 2014

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 11-19.